

Depressão entre estudantes de medicina no Brasil: uma revisão sistemática

Depression among medical students in Brazil: a systematic review

Cristina Rosa¹ 

Erika dos Santos Nunes² 

Anderson da Costa Armstrong³ 

¹Autora para correspondência. Universidade do Estado da Bahia (Juazeiro). Bahia, Brasil. cnrosa@gmail.com

^{2,3}Universidade do Estado da Bahia (Juazeiro). Bahia, Brasil. erika.santosnunes@hotmail.com, aarmst10@jhmi.edu

RESUMO | A prevalência geral dos sintomas depressivos entre estudantes de medicina está em torno de 27,2% em nível global e de 30,6% no Brasil. Neste estudo objetivamos investigar o estado da saúde mental nas escolas de medicina do Brasil a partir da identificação dos estudos realizados no Brasil entre 2008 e 2018 sobre a prevalência e fatores de risco de depressão e sintomas depressivos entre estudantes de medicina. Foram poucos os estudos encontrados (21), concentrados nas regiões Sul-Sudeste e que apontam uma prevalência com alto grau de variabilidade (5,6% a 79%). Embora a maior parte dos estudos tenham utilizado o mesmo instrumento Inventário Depressivo de Beck (BDI), as diferenças nas metodologias divergem desde o recorte da análise realizada (de ideação suicida a sintomas depressivos), quanto na amostra e na variabilidade dos métodos utilizados (alguns analisaram os graus dos sintomas depressivos, e outros fizeram ainda um filtro de identificação dos falsos positivos). Nossos achados estão alinhados com outros estudos que relatam a precarização da saúde mental entre estudantes de medicina, o que sugere uma provável ocorrência global problema e uma prevalência elevada entre os futuros médicos brasileiros.

PALAVRAS-CHAVE: Depressão. Estudantes de medicina. Transtornos mentais. Saúde mental.

ABSTRACT | The general prevalence of depressive symptoms among medical students is around 27.2% globally and 30.6% in Brazil. In this study we aimed to investigate the state of mental health in medical schools in Brazil from the identification of studies conducted in Brazil between 2008 and 2018 on the prevalence and risk factors for depression and depressive symptoms among medical students. Few studies have been found (21), concentrated in the South-Southeast regions and which point to a prevalence with a high level of variability (5.6% to 79%). Although most studies have used the same Beck Depressive Inventory (BDI) instrument, the differences in methodologies diverges such in the analysis cut (from suicidal ideation to depressive symptoms), as in the sample and in the variability of the methods (some analyzed the degrees of depressive symptoms, and others made a filter to identify false positives). Our findings are in line with other studies that report the precariousness of mental health among medical students, which suggests a probable global occurrence of the problem and a high prevalence among future Brazilian doctors.

KEYWORDS: Depression. Medical students. Mental disorders. Mental health.

Introdução

O surgimento de transtornos psiquiátricos no ambiente universitário não é um fenômeno irrelevante – cerca de 15% a 25% dos estudantes universitários são atingidos por algum tipo de transtorno psiquiátrico durante a formação acadêmica¹. Quando focamos a formação acadêmica em medicina, contudo, essa questão ganha ainda mais relevância: tanto pelo papel a ser exercido por esses futuros profissionais, do cuidado à vida, quanto pelo tamanho do problema. A estimativa é que esse índice chegue a média de 28% quando considerada a prevalência de depressão em estudantes de medicina ao redor do globo.^{1,2}

Os Transtornos Mentais Comum (TMC) podem impactar significativamente na qualidade de vida e empatia desses estudantes. Além disso, alto bem-estar mental está positivamente associado com a empatia e negativamente associado com ideação suicida, comportamentos não profissionais e síndrome de *burnout*.³ Deste modo, é essencial compreender o estado de saúde mental dos estudantes da área de saúde e de que modo essa questão pode afetar os cuidados com o paciente no futuro, subsidiando uma avaliação crítica da formação desses profissionais.

Não é uma questão nova. Embora as revisões recentes de Puthran et al. (2016) e Rotenstein et al. (2016), indiquem ainda uma alta prevalência de depressão entre estudantes de medicina a partir de dados levantados em, respectivamente, 77 e 200 estudos em diferentes países, um estudo realizado na década de 1980⁴ já apontava os suicídios como a segunda causa de morte mais comum entre estudantes de medicina, perdendo apenas para os acidentes.

Também não aparenta ser um problema restrito a alguns períodos da formação médica. Rotenstein et al. (2016) sugere que a depressão é um problema que afeta todos os níveis de treinamento médico. No estudo, os pesquisadores também alertam que os sintomas depressivos entre estagiários médicos podem afetar adversamente a saúde a longo prazo, bem como a qualidade do atendimento prestado em centros acadêmicos de medicina, corroborando com a necessidade de investigação do tema.

No Brasil, a única revisão sistemática encontrada que realiza uma meta-análise dos estudos sobre depressão neste segmento populacional indica que a prevalência descrita para sintomas depressivos nos estudantes de medicina é de 30,6%^{3 a}, maior do que a prevalência global do problema. Quando estratificado pela severidade dos sintomas, os autores encontraram uma prevalência de 23,3% para sintomas suaves, 8,4% para moderados e 2,1% para sintomas depressivos graves.

No estudo brasileiro, é possível identificar algumas possibilidades de um índice tão alto de depressão na formação médica. A meta-análise realizada indicou que há uma associação positiva significativa entre sintomas depressivos e os seguintes fatores (ordenados por quantidade de estudos/significância): pertencer ao gênero feminino; desejo de mudar de curso; últimos períodos do curso; internato; trabalho na clínica; insatisfação com o curso; fumantes; média performance acadêmica; dificuldades de relacionamento; tensão emocional; ser noturno; sentir-se pressionado pelos pais; ter preocupações em relação ao futuro; não ter pais médicos; não participar de atividades sociais; ter pais médicos; saúde física deficitária; pensamentos de desistência; não ser católico; estilo de vida sedentário; envolvimento raro ou esporádico em atividades de lazer; incerteza em relação ao futuro profissional. Pacheco et al. (2017) não encontraram indícios de viés nos 25 estudos sobre depressão analisados.

O estudo de revisão também avaliou outros TMC em estudantes de medicina, encontrando, além dos sintomas depressivos, uma alta prevalência de estresse (49,9%), baixa qualidade do sono (49,9%), ansiedade (32,9%), distúrbios mentais comuns (31,5%) e uso problemático de bebidas alcólicas (32,9%). No geral, ausência de motivação, suporte emocional e sobrecarga acadêmica foram associadas com os problemas de saúde mental. Tais evidências, concluem os autores, demonstram a necessidade de intervenções baseadas cientificamente e suporte psicossocial para promover a saúde mental dos futuros médicos.³

^a Baldassin (2010) foi o único outro artigo de revisão de literatura sobre o tema encontrado. No entanto, o artigo não aprofunda os resultados encontrados, não inclui análises estatísticas ou detalha a metodologia e resultados dos estudos analisados. Em relação a depressão, Baldassin (2010) analisou 11 estudos, de 1997 a 2009, cuja prevalência dos sintomas depressivos variaram de 8,9% a 79%.

Ao analisar os estudos sobre suicídio no ambiente médico, Santa e Cantilino (2016) chegaram em resultado similar: as taxas de suicídio entre médicos e estudantes de medicina são maiores do que as da população geral e de outros grupos acadêmicos. As principais causas apontadas dentre os estudos que os autores analisaram foram maior incidência de transtornos psiquiátricos, como depressão, ansiedade e abuso de substâncias, e sofrimento psíquico relacionados a vivências peculiares da profissão, como sobrecarga de trabalho, privação do sono, ambientes insalubres, dificuldade com pacientes, preocupações financeiras e sobrecarga de informações.

Os autores afirmam que apesar do número de estudos específicos sobre o tema ser pequeno – 14 originais e três de revisão – a maioria encontrou preditores semelhantes. No entanto, foram encontrados poucos estudos que relatam projetos ou programas de apoio a essa população com modelos de intervenção.⁵

Objetivo

Identificar a produção científica sobre prevalência e sintomas depressivos em estudantes de medicina brasileiros na última década (2008 a 2018).

Métodos

a) Estratégia de busca

Foi realizada uma revisão sistemática dos artigos publicados entre 2008 e 2018 sobre depressão entre estudantes de medicina no Brasil nas bases de dados PubMed (Public Medical Literature Analysis and Retrieval System Online), LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde) e Scielo

(Scientific Electronic Library Online). Foram utilizados os seguintes descritores: “depression” e “medical students” e “brazil”. Para assegurar que todos os artigos relevantes fossem identificados, não foram aplicadas limitações de linguagem ou data, sendo esses critérios utilizados apenas após a primeira triagem.

b) Critérios de inclusão

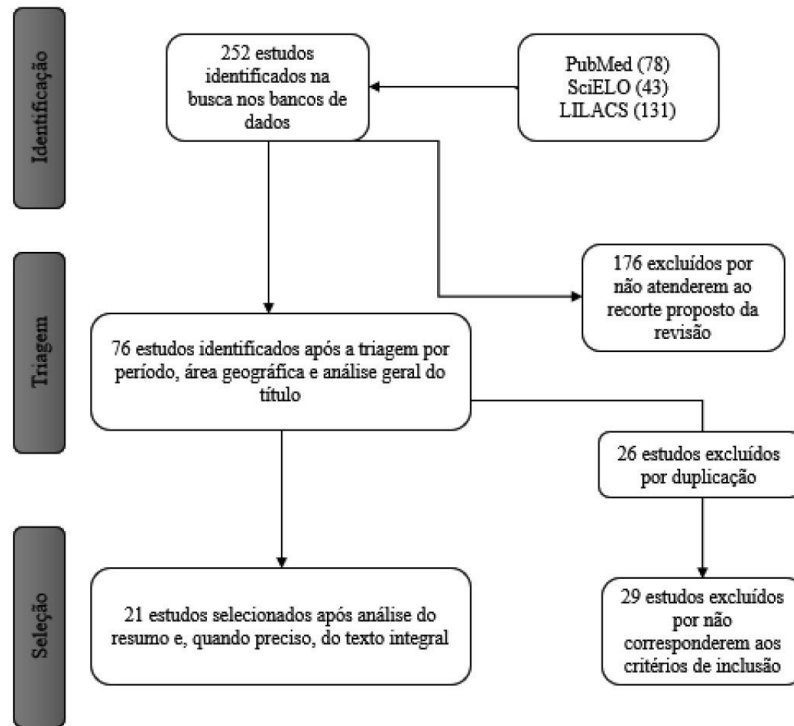
Estudos que analisaram sintomas, fatores de risco e prevalência de depressão entre estudantes de medicina foram incluídos na análise. Também foram incluídas pesquisas que versavam sobre consequências da depressão, como ideação suicida e suicídio. Estudos que focavam em saúde mental de forma geral, fatores e/ou doenças associadas como qualidade de vida, bem-estar, estresse ou ansiedade, foram incluídos somente quando analisavam separadamente a depressão nos estudantes de medicina. Estudos sobre o uso de antidepressivos também foi incluído, uma vez que a utilização da medicação está diretamente associada à doença.

c) Critérios de exclusão

Não incluímos na nossa análise artigos de revisão sistemática e meta-análise. No entanto, utilizamos os mesmos para subsidiar os resultados de nossa revisão, comparando os estudos encontrados e incluindo novos em nosso mapeamento.

Também foram excluídos estudos que focavam em sintomas causadores, como estresse, ou qualidade de vida, ou analisavam associações muito específicas, e não recortaram a prevalência da depressão na população estudada. Quando a mesma pesquisa foi comunicada em dois artigos diferentes, o mais antigo foi excluído da análise. Teses, dissertações e monografias também foram excluídas da amostra, uma vez que estes trabalhos acadêmicos não passaram pelo processo de validação por pares em periódicos científicos.

Figura 1. Diagrama do fluxo de inclusão dos artigos na seleção da amostra



Resultados

Dos 252 estudos mapeados nas principais bases de dados da área da saúde entre os anos de 2008 e 2018 – PubMed (78); SciELO (43) e LILACS (131) – somente 21 foram selecionados após a exclusão de duplicados e a aplicação dos critérios de inclusão na triagem por período, país e recorte do estudo a partir da análise dos títulos, resumos e, quando necessário, o texto integral.

Quadro 1. Quadro de estudos mapeados (continua)

Estudo (data)	Amostra (n)	População	Principais achados
Abrão, Coelho e passos (2008)	400	Estudantes da Universidade Federal de Uberlândia	A prevalência de sintomas depressivos foi de 79%, sendo 29% com grau leve; 31% moderado e 19,25% grave – superior a encontrada na literatura científica sobre o tema.
Amaral et al (2008)	287	Estudantes do primeiro ao sexto ano da Universidade Federal de Goiás	Houve uma prevalência de 26,8% de estudantes com sintomas depressivos, sendo de 6,9% moderados e graves, enquanto 19,9% apresentaram sintomas leves. Em relação ao sexo, encontrou-se 33,5% de mulheres e 19% de homens.
Bruch, Carneiro e Jornada (2009)	233	Estudantes do terceiro ao oitavo semestre da Unisul	Dos estudantes pesquisados, 24,5% apresentavam sintomatologia leve/moderada de depressão, 3,4% moderada/grave e 0,9%, grave.
Macedo et al (2009)	290	Estudantes do primeiro ao quarto ano do Centro Universitário Lusíada (Santos, SP)	A prevalência total de sintomas depressivos foi de 23,1%. As seguintes relações apresentaram significância estatística ($P < 0,05$): estudantes que afirmam que o curso não corresponde às expectativas iniciais, dos estudantes insatisfeitos com o curso e dos estudantes procedentes do Interior do Estado (40%, 36,1% e 36,4% respectivamente) tem escore compatível com algum grau de depressão
Alexandrino-Silva et al (2009)	603	Estudantes de medicina, farmácia e enfermagem da Faculdade de Medicina da Fundação do ABC	Não há diferença significativa entre ideação suicida e depressão entre estudantes de medicina ($n = 45$ [13.4%] e $n = 28$ [8.3%]), enfermagem ($n = 13$ [12.3%] e $n = 9$ [8.5%]) e farmácia ($n = 15$ [12.3%] e $n = 6$ [4.9%]).
Leão et al (2011)	180	Estudantes do último ano da Universidade de São Paulo (FMUSP)	Os alunos relataram boa qualidade de vida (68%), mas apresentaram sintomas de ansiedade (27%), depressão (20%) e prejuízo na vida social. 51% reconheceram necessidades acadêmicas e 25% necessidades psicológicas.
Valilo et al (2011)	400	Estudantes da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	Autoacusação, culpa e fadiga foram os três sintomas depressivos de maior frequência com alta concordância entre os grupos. Não houve diferença significante em relação à quantidade de sintomas depressivos presentes entre os grupos.
Bassols et al (2012)	232	Estudantes do primeiro e do sexto ano	Em relação aos sintomas de depressão, não houve diferença significativa entre os dois grupos. No primeiro ano, 24 estudantes reportaram sintomas depressivos (21.8%) e no sexto ano 19 (15.6%).
Costa et al (2012)	84	Estudantes internos da universidade federal do Sergipe	A prevalência encontrada foi de 40.5%, sendo 1.2% (95% CI: 0.0-6.5) com sintomas depressivos severos; 4.8% (95% CI: 1.3-11.7) moderados e 34.5% (95% CI: 24.5-45.7) com sintomas suaves.
Paula et al (2014)	1024	Alunos do primeiro ao décimo segundo períodos de duas escolas médicas do Cariri, Sertão Nordestino, Ceará	A prevalência encontrada nessa população para o diagnóstico de depressão foi de 28,8%. Sexo feminino, saúde física razoável, incerteza quanto ao futuro profissional, desejo de mudar de curso, não participação de atividades sociais e/ou dificuldades de relacionamentos, esporádica ou rara atividade de lazer foram associados a maior chance de desenvolver sintomas depressivos.
Ribeiro et al (2014)	289	Estudantes do primeiro ao sexto ano de uma faculdade pública do Estado de São Paulo	Dos alunos entrevistados, 33 (11,4%) utilizam ou já utilizaram antidepressivos, sendo a fluoxetina o mais prescrito.
Riedi, Feldens e Vinholes (2014)	84	Estudantes da Universidade do Sul de Santa Catarina	Encontrou-se uma alta prevalência de sintomas pré-menstruais (39,2%) e depressivos (45,2%) e uma importante associação entre eles ($p=0,000$), o que pode sugerir o transtorno disfórico pré-menstrual como uma expressão clínica de transtorno de humor.
Serra, Dinato e Caseiro (2015)	657	Estudantes da cidade de Santos (SP)	Dos estudantes analisados, 30% apresentaram sintomas depressivos e 21%, sintomas ansiosos. O gênero feminino obteve escores mais elevados tanto para depressão (34,8%) quanto para ansiedade (26,8%).

Quadro 1. Quadro de estudos mapeados (conclusão)

Estudo (data)	Amostra (n)	População	Principais achados
Vasconcelos et al (2015)	234	Estudantes da Faculdade Pernambucana de Saúde (FPS) do primeiro ao sexto ano	Quanto à depressão, o escore médio da Ehad foi de 4,4 (DP: +/3,1), com 19,3% (45) apresentando sintomas falso-positivos para depressão e 5,6% (13) manifestando sintomas sugestivos do transtorno. A prevalência de sintomas de ansiedade e depressão associada ao uso de drogas psicoativas e ilícitas, respectivamente.
Tabalipa et al (2015)	346	Estudantes de Santa Catarina	A prevalência de ansiedade foi de 35,5%, e a de depressão, 32,8%. Mulheres apresentaram prevalência 14% maior de ansiedade e 16% maior de depressão ($p = 0,025$ e $p = 0,006$, respectivamente).
Brenneisen et al (2016)	1.350	Estudantes de 22 faculdades brasileiras	A prevalência de sintomas depressivos foi de 41,3 %
Aragão et al (2017)	215	Estudantes que utilizavam Aprendizagem Baseada em Problemas (PBL) x método tradicional de aprendizagem	A prevalência de depressão foi de 29,73% com PBL e 22,12% com método tradicional – taxa que aumenta nas mulheres: 32,8% (PBL) e 23,1% (tradicional)
Moutinho et al (2017)	743	Estudantes do primeiro ao sexto ano da Universidade Federal de Juiz de Fora	Foram encontrados com sintomatologia depressiva 37,2% dos estudantes. Estiveram associados à depressão: gênero feminino, religiosidade intrínseca, ansiedade e estresse.
Cybulski e Mansani (2017)	239	Estudantes da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)	Menos da metade do total dos acadêmicos estudados apresentavam sintomas depressivos (10% a 21%). Apresentam-se como fatores de risco a frequência das atividades de lazer, o estresse, a satisfação com o desempenho acadêmico e a falta de apoio emocional no ambiente acadêmico.
Medeiros et al (2018)	101	Estudantes do primeiro período, oriundos de três instituições do Norte de Minas	A prevalência de sintomas depressivos em grau variado foi significativa, afetando 43,6% dos estudantes.
Torres et al (2018)	475	Estudantes de Bocatú (SP)	Ideação suicida na semana anterior estava presente em 34 participantes (7,2%) do estudo

A análise dos estudos selecionados^{6,9,11-29} ratificou o encontrado nas revisões de literatura científica quanto à prevalência de sintomas depressivos entre os estudantes de medicina.^{1-3,5} Contudo, foi encontrada uma variação muito grande entre os resultados do estudo: a prevalência variou de 5,6% a 79%.^{9,29} Nos resultados encontrados, observa-se ainda que embora haja estudos de diversas partes do país, as faculdades de medicina que menos foram analisadas são as pertencentes à região Norte¹; Centro-Oeste² e Nordeste.⁴

Podemos destacar ainda que pelo menos seis estudos^{6,11,20,21,25,26} enfatizaram em seus achados que estudantes do sexo feminino estão associadas a um maior risco de desenvolver sintomas depressivos, indicando que os fatores estressores também variam a depender do gênero.

Outros fatores de risco associados foram: religiosidade intrínseca; ansiedade; estresse; ausência de atividades de lazer; uso de drogas psicoativas e ilícitas; insatisfação com o desempenho acadêmico; desinteresse e insatisfação com o curso; falta de apoio emocional no ambiente acadêmico; e estudantes procedentes do interior do estado.^{9,10,12-19,22,23,27-29} Um estudo⁶ também encontrou uma prevalência de depressão maior em estudantes expostos ao método de Aprendizagem Baseada em Problemas (PBL) em relação ao método tradicional (29,73% e 22,12%, respectivamente, chegando a taxa de 32,8% e 23,1% no sexo feminino).

Discussão

Compreender o contexto atual dos estudantes das escolas de medicina brasileira é essencial para promover ações e políticas voltadas a este público, bem como adequar a formação médica às necessidades específicas de bem-estar mental individual dos estudantes e requeridas para assegurar a qualidade do atendimento futuramente prestado por estes profissionais.²

Dessa forma, acreditamos que esta revisão cumpriu o seu propósito de dar ênfase a esta questão ao realizar um panorama do estado atual da literatura científica no Brasil a partir do levantamento dos artigos indexados nas principais bases de dados que versam sobre a temática.

A prevalência geral dos sintomas depressivos entre estudantes de medicina é de 27,2% a 28% em nível global²; 1 e de 30,6% no Brasil³. Na nossa análise, a prevalência variou de 5,6% a 79%^{9,29}, embora a maior parte dos estudos tenha reportado índices entre 20% a 40%.^{6,10-23,25-28} É possível que esta variação ocorra devido a variabilidades dos recortes e metodologias empregadas, mas não se deve descartar a hipótese de que haja diferentes níveis de adoecimento mental nas instituições estudadas, diante dos diversos fatores estressores aos quais os estudantes estão submetidos e que variam de acordo com contextos específicos e a formação aos quais estão submetidos.

Cabe ressaltar que embora nosso recorte tenha se restringido aos cursos de medicina, essa problemática deve ser analisada em toda a área de saúde. Quando comparado a outros cursos da área de saúde, Alexandrino-Silva et al. (2009)¹⁰ não encontraram diferença significativa entre ideação suicida e depressão entre estudantes de medicina (13.4% e 8.3%), enfermagem (12.3% e 8.5%) e farmácia (12.3% e 4.9%). As taxas de prevalência de depressão entre os alunos foram medicina¹⁰, 8,9%; fisioterapia, 6,7%; terapia ocupacional, 28,2% ($p = 0,002$). As taxas de prevalência para o risco de suicídio entre os alunos foram medicina, 7,5%; fisioterapia, 7,8%; terapia ocupacional, 25,6% ($p = 0,005$).

Em relação aos fatores de riscos associados, os resultados encontrados nesta revisão são condizentes com o já levantado pela literatura científica anterior^{1,3,7}: gênero feminino^{6,9-23,25-29}; religiosidade intrínseca; ansiedade; estresse; ausência de atividades de lazer; uso de drogas psicoativas e ilícitas; insatisfação com o desempenho acadêmico; desinteresse e insatisfação com o curso; falta de apoio emocional no ambiente acadêmico; estudantes procedentes do interior do estado; e expostos a métodos de aprendizagem baseado em problemas.

Embora haja poucas investigações focadas fora do eixo Sul e Sudeste, há uma grande variabilidade dos resultados dos estudos analisados, e, assim, não foram encontradas diferenças regionais significativas. Nos três estudos realizados^{9,19,20} no estado de Minas Gerais, por exemplo, há índices bastantes altos (de 37,2% a 79%). Enquanto em São Paulo^{10,17,18,22,25,27,28}, esses números variam de 7,2% a 30%. No Nordeste, a prevalência variou de 5,6% (sendo 19,3% de falso positivo), em Pernambuco, a 40,5% em Sergipe. Já na região Sul^{15,16,26,29}, a variabilidade foi de 10% (Paraná)

a 45,2, em Santa Catarina, considerando apenas uma amostra feminina. No Centro-Oeste¹¹, um único estudo indicou a sintomatologia em 26,8% dos estudantes. Não houve estudos que focaram especificamente na Região Norte. Também não foram encontradas diferenças significativas entre estudantes oriundos de universidades privadas em relação às de públicas.

A fim auxiliar na redução das lacunas na literatura científica sobre o tema, está em desenvolvimento um estudo para identificar a prevalência de depressão em estudantes de medicina de uma universidade do interior nordestino (Universidade Federal do Vale do São Francisco), visando investigar a ocorrência de fatores ambientais e socioeconômicos associados a essas condições.

Não sem razão que a literatura científica brasileira foca em Transtornos Mentais Comuns em estudantes de medicina. De acordo com Lima, Domingues e Cerqueira (2006)⁸, profissionais que realizam atividades com alto grau de contato emocional com outras pessoas estão mais suscetíveis a problemas de saúde mental. Além disso, ao longo da formação médica os estudantes se deparariam com eventos tidos como estressantes, dentre outros: contato com a morte, intervenções agressivas, comunicação de más notícias e pacientes-problemas.

Assim, o estresse na formação e na prática médica seria um possível fator etiológico na gênese dos problemas de saúde mental, incluindo ainda outros agravantes como abuso e dependência de substâncias psicoativas, síndrome da sobrecarga de trabalho e síndrome do estresse profissional. Por fim, o contexto no qual a educação médica se insere também contribui para o agravamento da saúde mental, sendo potenciais estressores durante a formação profissional o individualismo e competitividade ao extremo, exigências do mercado e as expectativas sociais depositadas sobre o papel médico.⁸

Rotenstein et al. (2016)² pontua sobre a importância de estudos confiáveis de depressão, bem como sua prevalência, durante a formação médica, a fim de que recursos sejam alocados para prevenir, tratar e identificar causas de angústia entre estudantes de medicina, especialmente à luz dos recentes trabalhos, os quais revelam alta prevalência de depressão entre médicos.

Conclusão

Os achados obtidos nesta revisão sugerem que a literatura científica brasileira da última década (2008-2018) lançou alguma luz sobre a depressão, analisando sua sintomatologia e fatores de riscos entre estudantes de medicina. No entanto, ainda são poucos os estudos que investigam o tema, o que deixa, de forma geral, muito a ser explorado: desde as associações específicas até as diferenças entre regiões, tipos de instituições, além da compreensão mais aprofundada do papel que o sexo exerce para o desenvolvimento da doença.

Foram poucos os estudos encontrados²¹, concentrados nas regiões Sul-Sudeste e que apontam uma prevalência com alto grau de variabilidade (5,6% a 79%). Embora a maior parte dos estudos tenham utilizado o mesmo instrumento Inventário Depressivo de Beck (BDI), as diferenças nas metodologias divergem desde a análise feita (de ideação suicida a sintomas depressivos), quanto na amostra e na variabilidade dos métodos utilizados (alguns analisaram os graus dos sintomas depressivos, e outros fizeram ainda um filtro de identificação dos falsos positivos). Além disso, há abordagens que necessitam ser realizadas, como a comparação socioeconômica entre os estudantes e a origem da formação médica (privada ou pública).

Neste estudo foi feito somente um mapa, um panorama do que está sendo produzido, para que possamos avançar no conhecimento sobre este problema a fim de subsidiar ações e políticas voltadas para este grupo populacional. Esta revisão está limitada, portanto, uma vez que não utilizamos metodologias de investigação dos resultados heterogêneos, como análise de subgrupos e metaregressão.

Vale ressaltar que esta revisão também se insere em uma linha pouco estudada: a análise de estudos sobre os sintomas depressivos entre estudantes de medicina foi encontrada em apenas dois artigos de revisão da literatura. É necessário que a comunidade científica continue a investigar não apenas os jovens em formação para o sistema de saúde, bem como a prevalência de doenças mentais comuns na população de jovens universitários em geral, de modo que as lacunas apontadas sejam preenchidas por novos estudos sobre o tema.

Nossas descobertas estão alinhadas com outros estudos que relatam a precarização da saúde mental entre estudantes de medicina, o que sugere uma provável ocorrência global problema e uma prevalência elevada entre os futuros médicos brasileiros. Deste modo, reforçamos a necessidade de que haja monitoramento da saúde mental, apoio psicossocial e intervenções de promoção do bem-estar nas instituições de ensino superior.

Contribuições dos autores

Armstrong AC participou da orientação, análise dos dados e correção do estudo. Nunes ES participou da orientação, análise dos dados e correção do estudo. Rosa C participou da seleção dos artigos, análise dos dados e produção textual.

Conflitos de interesses

Nenhum conflito financeiro, legal ou político envolvendo terceiros (governo, empresas e fundações privadas, etc.) foi declarado para nenhum aspecto do trabalho submetido (incluindo, mas não se limitando a subvenções e financiamentos, participação em conselho consultivo, desenho de estudo, preparação de manuscrito, análise estatística, etc.).

Referências

1. Puthran R, Zhang MWB, Tam WW, Ho RC. Prevalence of depression amongst medical students: a meta-analysis. *Med Educ*. 2016;50(4):456-468. <http://dx.doi.org/10.1111/medu.12962>
2. Rotenstein LS, Ramos MA, Torre M, Segal JB, Peluso MJ, Guille C et al. Prevalence of depression, depressive symptoms, and suicidal ideation among medical students: a systematic review and meta-analysis. *JAMA*. 2016;316(21):2214-2236. <http://dx.doi.org/10.1001/jama.2016.17324>
3. Pacheco JP, Giacomini HT, Tam WW, Ribeiro TB, Arab C, Bezerra IM et al. Mental health problems among medical students in Brazil: a systematic review and meta-analysis. *Rev Bras Psiquiatr*. 2017;39(4):369-378. <http://dx.doi.org/10.1590/1516-4446-2017-2223>
4. Cavestro JM, Rocha FL. Prevalência de depressão entre estudantes universitários. *J Bras Psiquiatr*. 2006;55(4):264-267. <http://dx.doi.org/10.1590/S0047-20852006000400001>
5. Santa ND, Cantilino A. Suicídio entre Médicos e Estudantes de Medicina: Revisão de Literatura. *Rev Bras Educ Med*. 2016;40(4):772-780. <http://dx.doi.org/10.1590/1981-52712015v40n4e00262015>

6. Aragão JA, Freire MRM, Farias LGN, Diniz SS, Aragão FMS, Aragão ICS et al. Prevalence of depressive symptoms among medical students taught using problem-based learning versus traditional methods. *Int J Psychiatry Clin Pract.* 2018;22(2):123-128. <http://dx.doi.org/10.1080/13651501.2017.1383438>
7. Baldassin S. Ansiedade e depressão no estudante de medicina: revisão de estudos brasileiros. *Cadernos ABEM.* 2010;6:19-26.
8. Lima MCP, Domingues MS, Cerqueira ATAR. Prevalência e fatores de risco para transtornos mentais comuns entre estudantes de medicina. *Rev Saúde Pública.* 2006;40(6):1035-41.
9. Abrão CB, Coelho EP, Passos LBS. Prevalência de sintomas depressivos entre estudantes de medicina da Universidade Federal de Uberlândia. *Rev Bras Educ Med.* 2008;32(3):315-323. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-55022008000300006>
10. Alexandrino-Silva C, Pereira MLG, Bustamante C, Ferraz ACT, Baldassin S, Andrade AG et al. Suicidal ideation among students enrolled in healthcare training programs: a cross-sectional study. *Rev Bras Psiquiatr.* 2009;31(4):338-344. <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-44462009005000006>
11. Amaral GF, Gomide LMP, Batista MP, Pícolo PP, Teles TBGT, Oliveira PM et al. Sintomas depressivos em acadêmicos de medicina da Universidade Federal de Goiás: um estudo de prevalência. *Rev Psiquiatr Rio Gd Sul.* 2008;30(2):124-130. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-81082008000300008>
12. Bassols AM, Okabayashi LS, Silva AB, Carneiro BB, Feijó F, Guimarães GC et al.. First-and last-year medical students: is there a difference in the prevalence and intensity of anxiety and depressive symptoms?. *Rev Bras Psiquiatr.* 2014;36(3):233-240. <http://dx.doi.org/10.1590/1516-4446-2013-1183>
13. Mayer FB, Santos IS, Silveira PSP, Lopes MHI, Souza ARND, Campos EP et al.. Factors associated to depression and anxiety in medical students: a multicenter study. *BMC Med Educ.* 2016;16(1):282. <http://dx.doi.org/10.1186/s12909-016-0791-1>
14. Bruch TP, Carneiro EA, Jornada LK. Presença de sintomas psiquiátricos em estudantes de medicina de Universidade do sul do Brasil. *Arquivos Catarinenses de Medicina.* 2009;38(4):61-5.
15. Costa EFO, Santana YS, Santos ATRA, Martins LAN, Melo EV, Andrade TM. Depressive symptoms among medical intern students in a Brazilian public university. *Rev Assoc Med Bras* 2012;58(1):53-59.
16. Cybulski CA, Mansani FP. Análise da Depressão, dos Fatores de Risco para Sintomas Depressivos e do Uso de Antidepressivos entre Acadêmicos do Curso de Medicina da Universidade Estadual de Ponta Grossa. *Rev Bras Educ Med.* 2017; 41(1):92-101. <http://dx.doi.org/10.1590/1981-52712015v41n1RB20160034>
17. Leão PBOS, Martins LAN, Menezes PR, Bellodi PL. Well-being and help-seeking: an exploratory study among final-year medical students. *Rev Assoc Med Bras.* 2011;57(4):379-386. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-42302011000400009>
18. Macedo PNAG, Nardotto LL, Dieckmann LHJ, Ferreira YD, Macedo BAG, Santos MAP et al. Fatores associados a sintomas depressivos entre estudantes de medicina da UNILUS. *Rev Bras Educ Med.* 2009;33(4):595-604. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-55022009000400010>
19. Medeiros MRB, Camargo JF, Barbosa LAR, Caldeira AP. Saúde Mental de Ingressantes no Curso Médico: uma Abordagem segundo o Sexo. *Rev Bras Educ Med.* 2018;42(3):214-221. <http://dx.doi.org/10.1590/1981-52712015v42n3rb20170008>
20. Moutinho ILD, Maddalena NCP, Roland RK, Lucchetti ALG, Tibiriçá SHC, Ezequiel OS et al.. Depression, stress and anxiety in medical students: A cross-sectional comparison between students from different semesters. *Rev Assoc Med Bras.* 2017;63(1):21-28.
21. Paula JA, Borges AMFS, Bezerra LRA, Parente HV, Paula RCA, Wajnsztejn R et al.. Prevalência e fatores associados à depressão em estudantes de medicina. *Rev Bras Crescimento Desenvolv Hum.* 2014;24(3):274-281.
22. Ribeiro AG, Cruz LP, Marchi KC, Tirapelli CR, Miaso AI. Antidepressivos: uso, adesão e conhecimento entre estudantes de medicina. *Ciênc Saúde Coletiva.* 2014;19(6):1825-1833.
23. Riedi CL, Feldens VP, Vinholes D. Transtorno disfórico pré-menstrual e sintomas depressivos em acadêmicas do curso de medicina da universidade do sul de Santa Catarina. *Arq Catarin Med.* 2014;43(1):38-42.
24. Santa ND, Cantilino A. Suicídio entre Médicos e Estudantes de Medicina: Revisão de Literatura. *Rev Bras Educ Med.* 2016;40(4):772-780. <http://dx.doi.org/10.1590/1981-52712015v40n4e00262015>
25. Serra RD, Dinato SLM, Caseiro MM. Prevalence of depressive and anxiety symptoms in medical students in the city of Santos. *J Bras Psiquiatr.* 2015;64(3):213-220. <http://dx.doi.org/10.1590/0047-2085000000081>
26. Tabalipa FO, Souza MF, Pfüzrenreuter G, Lima VC, Traebert E, Traebert J. Prevalence of Anxiety and Depression among Medical Students. *Rev Bras Educ Med.* 2015;39(3):388-394. <http://dx.doi.org/10.1590/1981-52712015v39n3e02662014>
27. Torres AR, Campos LM, Lima MCP, Ramos-Cerqueira ATA. Suicidal ideation among medical students: prevalence and predictors. *The Journal of nervous and mental disease.* 2018;206(3):160-168. <http://dx.doi.org/10.1097/NMD.0000000000000734>
28. Rezende CHA, Abrão CB, Coelho EP, Passos LBS. Prevalência de sintomas depressivos em estudantes de Medicina. *Rev Bras Clin Med.* 2011;9(1):36-34. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-55022008000300006>
29. Vasconcelos TC, Dias BRT, Andrade LR, Melo GF, Barbosa L, Souza E. Prevalência de Sintomas de Ansiedade e Depressão em Estudantes de Medicina. *Rev Bras Educ Med.* 2015;39(1):135-142. <http://dx.doi.org/10.1590/1981-52712015v39n1e00042014>